

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA (II PARTE)
20 e 29 de junho de 2022

COUNTDOWN / 1967

(Estradas do Inferno)

um filme de Robert Altman

Realização: Robert Altman / **Argumento:** Loring Mandel, segundo o romance «The Pilgrim Project», de Hank Searls / **Fotografia:** William W. Spencer / **Direcção Artística:** Jack Poplin / **Montagem:** Gene Milford / **Música:** Leonard Rosenman / **Intérpretes:** James Caan (Lee Stegler), Joanna Moore (Mickey Stegler), Robert Duvall (Chiz), Barbara Baxley (Jean), Charles Aidman (Gus), Steve Ihnat (Ross Duellan), Michael Murphy (Rick), Ted Knight (Walter Larson), Stephen Coit (Ehrman), John Rayner (Dune), Charles Irving (Seidel), Bobby Riha Jr (Stevie Stegler).

Produção: William Conrad / **Cópia:** ficheiro digital, cor, com legendagem eletrónica em português, 101 minutos / **Estreia Mundial:** Fevereiro de 1968 / **Estreia em Portugal:** Europa, em 29 de Março de 1968.

«Oficialmente», **Countdown** é o primeiro filme de Robert Altman. Isto, apesar do realizador ter já atrás de si uma longa carreira de 17 anos, preenchida quase exclusivamente por trabalhos para a televisão, onde dirigiu episódios para muitas séries, incluindo dois para «Alfred Hitchcock Presents» e vários para a popular «Bonanza». Mas dirigiu também vários documentários, com destaque para **The James Dean Story** (1957), o primeiro sobre o lendário actor, e um filme de ficção sobre o tema (na moda) da delinquência juvenil, **The Delinquents**. Mas **Countdown** é o que ele reconhece como a sua primeira obra de cinema, e o primeiro em que trabalhou para um estúdio, a Warner.

E, desde logo, as relações entre este feroz independente e a produção oficial de Hollywood, passou por vários atritos. A principal razão era que o estilo do realizador era estranho aos métodos há muito vigentes nos estúdios. No plano técnico a objecção maior, a que Jack Warner franziu o nariz numa projecção, era a captação de som, que Altman quis «realista», da forma como as conversas têm lugar, confusas e sobrepostas que tornam, por momentos os diálogos incompreensíveis (como na sequência da festa). Mas o filme tinha outros problemas. Altman dava mais importância às relações das personagens e aos seus problemas afectivos (constante que se verificará no resto da sua obra) do que à acção em si mesma, neste caso, à viagem do astronauta à Lua. O final também não era do agrado do estúdio que, terminado o contrato com Altman resolveu alterar o final inicialmente previsto, dando para isso ao produtor William Conrad (um conhecido «character actor», que recordamos como um dos assassinos de **The Killers**, de Robert Siodmak, convertido à realização e produção) indicação para proceder à sua alteração, para o final que foi distribuído e que veremos no filme. No original, numa conclusão algo pessimista, o astronauta Lee Stegler (James Caan)

começa a busca da cápsula para o regresso à Terra. A câmara enquadrava o início da caminhada e num lento travelling para trás o espectador via a cápsula, atrás de um monte, na direcção oposta à que Lee tomava. A nova conclusão impunha uma espécie de «happy end» com o astronauta, descobrindo a cápsula e dirigindo-se para ela. O filme, porém, iria ser distribuído em «double bill», isto é, em complemento de outro considerado de série A (este foi, nem mais nem menos do que **The Green Berets/Os Boínas Verdes**, de John Wayne). Só mais tarde se daria nova oportunidade a **Countdown** exibindo-o só. O filme ganharia um certo prestígio de culto, por antecipar, de forma séria, um acontecimento real que teria lugar no ano seguinte, em 1969: a primeira alunagem.

Countdown, inspirado no romance de Hank Sears, «The Pilgrim Project», era uma produção próxima do modelo da série B, mas com um cuidado especial nas partes técnicas de forma a torná-lo verosímil. Aliás, para garantir essa verosimilhança, a produção teve a colaboração da NASA (National Aeronautics and Space Administration) então empenhada na «corrida» à Lua disputada contra os soviéticos, corrida essa que está na base do próprio argumento, com as alterações que o projecto sofre quando chega a notícia de que os russos se preparavam para enviar a sua primeira nave tripulada para o satélite. O filme nada apresenta desse confronto, excepto na sequência final, quando Lee descobre na superfície lunar a nave russa e os cadáveres dos seus tripulantes. Num gesto de homenagem ele colocará a bandeira soviética em baixo da americana. Se os meios foram poucos, o resultado ficou além das expectativas. Altman consegue imprimir um adequado sentido dramático a estas cenas finais, bem apoiadas pela música de Leonard Rosenman, e todas as sequências do laboratório e da preparação da viagem e do treino de Lee são bastante convincentes, e têm um tom vincadamente documental.

Mas o que importa mais a Altman são as personagens e é a elas que ele presta maior atenção, em particular nas relações de Chiz (Robert Duvall), o astronauta frustrado, por ter sido substituído por Lee por interesses políticos, com a mulher, que se refugia no álcool devido à negligência que lhe vota o marido, totalmente empenhado no projecto.

Não sendo uma das obras maiores de Altman, **Countdown** mostra já o cineasta na posse das suas qualidades e do estilo que irá desenvolver de forma cada vez mais sofisticada. Dois anos depois de **Countdown**, Altman dar-nos-ia já uma das suas obras-primas: **M.A.S.H.**

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico